

CINCO CONTRA ONZE: UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO FUTEBOL ADAPTADO

*Vanessa Silva Pontes¹
Erik Giuseppe Barbosa Pereira²*

RESUMO

Objetivamos neste estudo identificar a opinião do técnico e dos atletas de futebol para cegos sobre a importância dessa prática esportiva. Para isso, empregamos uma entrevista semiestruturada com dois atletas e um técnico de futebol para cegos. Como técnica, utilizamos a análise de discurso. Concluiu-se que há influência positiva da família para a continuidade da pessoa com deficiência na prática esportiva; é baixa a valorização do desporto adaptado por parte da imprensa e do governo; e é difícil para a sociedade enxergar os atletas deficientes como profissionais no esporte.

Palavras-chave: futebol, deficiência visual, análise de discurso.

IMPRESSÕES INICIAIS

Ao falar em esporte, remetemo-nos à civilização mãe do olimpismo e das práticas corporais sistematizadas: a Grécia. Seguidores do conceito de “agon”, ou seja, a competição por excelência, mulheres e deficientes físicos gregos ficavam excluídos dos desportos e dos Jogos Olímpicos, por se entender que eles não seriam adversários à altura para os verdadeiros atletas: os cidadãos gregos do sexo masculino (MIRAGAYA, 2002). Em Esparta, inclusive, o indivíduo que nascesse com algum tipo de deficiência era sacrificado, por ser visto como incapaz tanto para a guerra quanto para as competições (RAMOS, 1982). Esse panorama de exclusão permanece por muitos séculos, até que os progressos do Iluminismo e das preocupações

Recebido para publicação em 02/2014 e aprovado em 07/2014.

¹Graduanda em Educação Física. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²Doutor em Ciência do Movimento Humano/UAA. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

com o Humanismo foram removendo os resíduos das superstições e da tirania advindos dos períodos anteriores, principalmente da Idade Média. Mais adiante, já na era contemporânea, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 reconhecia o valor da diversidade humana e dos direitos das pessoas com deficiências, o que lhes assegurou a possibilidade de se matricularem em escolas primárias e secundárias e de praticarem exercícios físicos, sendo estes adaptados às suas limitações (CASTELLANI FILHO, 1991). Apesar do passado de exclusão, desrespeito, segregação e sacrifícios, Fernandes (2010) explicita a importância do advento dos Direitos Humanos como primordial ao desenvolvimento de iniciativas do Estado na inclusão da pessoa com deficiência física - mais especificamente, a garantia da qualidade de vida.

A explicação para esse olhar mais atento à pessoa com deficiência encontra fundamento no período histórico em que se encontrava a humanidade: o pós-Segunda Guerra Mundial. Era grande o número de veteranos de guerra sobreviventes com alguma mutilação; entretanto, estes não se julgavam incapazes e queriam manter seu estilo de vida ativo de antes da guerra. A fama e o heroísmo inculcados nesses sobreviventes facilitaram-lhes a criação de modalidades adaptadas às suas novas condições, sendo a mais celebrada o voleibol sentado (SDC/EsEFEx, 1972).

INCLUSÃO X INTEGRAÇÃO

Mantoan (2003) e Tonello (2007) fazem uma distinção dos termos integração e inclusão, explicando que o primeiro refere-se a inserir o aluno deficiente (grupo excluído) nas aulas e treinos, sem se preocupar como se dará essa inserção, se o seu desempenho será satisfatório e se ele irá aprender ou assimilar os conteúdos; já o segundo se preocupa em como se dará esse processo, sendo necessária uma mudança na perspectiva metodológica para que esta se preocupe em atingir todos os alunos, de forma que os objetivos gerais e específicos sejam contemplados. Assim, a inclusão exige uma mudança no paradigma educacional, sendo esse um dos motivos de sua difícil aplicabilidade.

Apesar do clima de inclusão evidenciado no pós-Segunda Guerra, o problema da integração não estava resolvido. Em muitas

escolas, o deficiente era aceito, mas impedido de participar das aulas de Educação Física, tão importantes no auxílio à reabilitação, para a autoestima e na valorização de si próprio (PEREIRA et al., 2008). A integração só começa a ser efetivamente depreendida nos centros especializados em receber esse público, entre eles o mais tradicional e reconhecido: o Instituto Benjamin Constant. A importância da integração ganha força tamanha que em 1994 é fundada a SOBAMA (Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada), com o objetivo de difundir e congregar o conhecimento científico e os pesquisadores da área (SOBAMA, 2010/2013).

O futebol

O futebol é, atualmente, a modalidade que mais atrai adeptos em todo o mundo. É a única modalidade esportiva capaz de fazer parar nações no decorrer de campeonatos de grande porte, unindo todas as “tribos” em torcida por um único ideal. Para Daolio (1997), o futebol, apesar de incorporado a nossa cultura, estabeleceu uma relação intrínseca com as características socioculturais do povo canarinho. Desde a tenra idade, incentiva-se as crianças a aprender a jogar futebol. São presenteadas com bolas, uniformes dos times preferidos dos pais, vão aos estádios assistir partidas, jogam com os colegas de rua e da escola etc.

Morato et al. (2011) nos revelam que o futebol para deficientes visuais iniciou-se no Brasil nos anos 50. Praticado por quatro jogadores na linha e um goleiro, o futebol de cinco, como é conhecido, é baseado nas regras do futsal. Seus locais de aprendizado e treinamento eram essencialmente as instituições dedicadas a essas pessoas, entre as quais a mais importante era o Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro. O primeiro campeonato brasileiro ocorreu em 1986, apesar de somente em 1994 ter havido a unificação das regras da modalidade. Esse marco possibilitou a realização de eventos internacionais e a inclusão do futebol de cinco nas paraolimpíadas, tendo ele estreado em Atenas no ano de 2004 (ibidem). A vontade das pessoas com deficiência visual de jogar o futebol, no entanto, antecede o estabelecimento das regras. Para isso, buscavam adaptações ao jogo, como, por exemplo, envolver a bola com saco plástico, colocar tampas de garrafa na parte externa da bola, colocar pedras dentro de garrafas plásticas e usá-las como bola etc. (MORATO et al., 2011).

As pessoas cegas percebem e participam do mundo que as rodeia de forma peculiar, e essas particularidades sugerem novas formas de interação com as pessoas e com o ambiente em que estão inseridas. Nessa esteira, criam possibilidades de se inserir no esporte sem, no entanto, dismantelar deste a sua essência.

Tendo em vista esses pressupostos, o objetivo deste estudo foi identificar a opinião do técnico e dos atletas de futebol de cinco sobre a importância dessa prática esportiva. Buscou-se elucidar a seguinte questão: Qual a importância do futebol de cinco sob a ótica dos praticantes e técnicos da modalidade?

TRILHA METODOLÓGICA

O presente trabalho, à luz de Gamboa (apud FARIA JUNIOR, 1992), é de natureza qualitativa, inserido no paradigma fenomenológico-hermenêutico, com as características de concepção de homem existencial na sua dimensão interpretativa.

O instrumento empregado foi uma entrevista semiestruturada, com vistas a compreender o universo do futebol de cinco sob a ótica dos atletas. Para Triviños (1987), esse tipo de entrevista “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de sua situação de dimensões maiores” (p.152).

Esta entrevista compreendeu 10 questões abertas e fechadas, versando, para os atletas, sobre o tempo de permanência no futebol de cinco e o porquê de ter se aventurado nessa prática, o apoio da família, a relação da sociedade com o esporte adaptado, os benefícios do futebol na sua vida e a visibilidade do futebol adaptado na mídia, e, para o técnico, sobre as dificuldades de se trabalhar com atletas com deficiência visual, a questão do patrocínio no esporte adaptado, as principais diferenças entre o futebol de cinco e o futebol convencional e a acessibilidade do público em geral aos eventos esportivos voltados para deficientes.

A amostra contou com 2 (dois) atletas e 1 (um) técnico de futebol de cinco da URECE, todos do sexo masculino e escolhidos aleatoriamente. As identidades, tanto do técnico quanto dos atletas, foram suprimidas. Todos os entrevistados concordaram com suas

participações nesta pesquisa e autorizaram a utilização de suas respostas como subsídios ao nosso estudo, a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Justificamos a escolha pela instituição supracitada por esta ser uma associação sem fins lucrativos que desenvolve atividades voltadas ao público com deficiência visual, dedicando-se à profissionalização dos praticantes. A palavra URECE não é uma sigla: trata-se de um nome próprio sugerido pelos atletas de futebol de cinco, cujo significado gira em torno de raça, vontade e entrega (URECE, 2013). A associação realiza seus treinos nas quadras desportivas da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ.

Considerando que nossa estratégia circunscreve-se sob a perspectiva de análise de discurso, pretendemos, na esteira de Lima (1994), utilizar como mecanismos do processo de análise de dados as seguintes etapas: 1 - Descrição: ou transcrição, trata-se da retirada do discurso do gravador tal como ele foi dito; 2 - Redução fenomenológica: na qual o pesquisador seleciona o essencial nos discursos e separa para análise; 3 - Reorganização das unidades: é a organização dos discursos selecionados na segunda etapa em unidades que se convergem; e 4 - Interpretação fenomenológica: em que realizamos a transformação das expressões do senso comum em linguagem científica, procedendo à análise propriamente dita do fenômeno investigado.

Na sequência, organizamos as unidades, que assim se apresentam:

Família

Ao falarmos de família, tocamos em questões fundamentais, que dizem respeito à cultura, aos moldes das interações sociais dos indivíduos e às formas de ser e estar na sociedade. Por influência de familiares, podemos ser levados a desenvolver uma série de atividades que não seriam escolhidas por nós se não houvesse essa influência. Não só a família tem esse poder: todos os espaços sociais podem ser influenciadores dos indivíduos, sendo o mais significativo a indústria cultural. Respondendo a questão acerca do motivo de ter se inserido no futebol adaptado, o atleta A sintetiza essa temática: “[...] eu já brincava com os irmãos e amigos com a bola e acompanhava pelo

rádio... Quando eu cheguei no Benjamin e conheci o futebol dito pra deficientes, pra cegos, eu entrei”.

Tanto o atleta A quanto o atleta B relatam que tiveram apoio direto e constante de suas mães, sendo o atleta A o que melhor sintetiza esse ponto, além de ir ao cerne dessa questão, ao abordar a independência como fator importante para a continuidade do apoio de sua mãe: “[...] depois que eu comecei a ganhar independência na verdade, porque o esporte ocasiona isso no deficiente, a independência, o querer sair só, o querer estudar, querer conhecer [...]”.

Os discursos sobre o incentivo familiar e os benefícios à qualidade de vida adquiridos pela prática do futebol adaptado estão sobremaneira entrelaçados, chegando a ser citados pelos atletas de forma intensa e emocionada:

[...] Eu fiz várias modalidades, acho que cinco além do futebol, mas o futebol como esporte na minha vida trouxe essa autonomia, essa independência, essa vontade de crescer. E o futebol em si, a independência de encarar o andar na rua de uma maneira mais tranquila. A gente sempre fala que se a gente consegue driblar nas quadras, é muito mais fácil encarar os obstáculos nas ruas.

Visibilidade midiática

Esta unidade versa sobre como o técnico e os atletas avaliam a importância dada pela mídia aos atletas com deficiência. Foi unânime, nos discursos dos entrevistados, a baixa atenção dada pela imprensa aos esportes adaptados e o quanto seria estimável que as paraolimpíadas fossem televisionadas. A esse respeito, o atleta A, utilizando-se de uma perspectiva motivacional, esclarece:

A partir do momento que o nosso esporte começa a ser transmitido, não só pela televisão, mas mesmo ser colocado nos jornais, internet, todos os veículos de comunicação, a importância ocorre de várias maneiras. Uma das maneiras é que a sociedade encara... Aí sim conhece você como atleta, conhece você como um herói do país. E outros deficientes têm em você, que se tornou campeão naquele momento, um campeão, um ídolo. E, a partir desse momento que ele reconhece um ídolo que tem a mesma deficiência que ele tem, ele sai de casa, deixa a proteção dos pais

pra ser também um atleta. “Quero ser feito o Anderson, o Daniel Dias da natação, o Alan Fonteles do atletismo...”

Já o atleta B, em questão semelhante, volta seu discurso ao viés financeiro: “É muito importante porque tem visibilidade né, a pessoa vê aquilo ali e pode acontecer patrocínio, alguma coisa assim [...]”.

Profissionalismo x Recreação

A polarização entre profissionalismo e recreação é citada pelos atletas como ainda presente no ideário social, principalmente quando se trata do esporte adaptado. Discursos sobre a superação e os benefícios à vida do deficiente são frequentes, porém ainda há certa dificuldade em vê-los como profissionais no esporte. O atleta B sintetiza essa constatação: “Hoje em dia tá bem melhor do que antigamente. Falta muito reconhecimento ainda, mas já melhorou bastante [...]. Muita gente acha que o futebol é um passatempo, você vem aqui pra jogar e acabou. Acha que a gente vai passar o tempo se divertindo, mas não é. Já virou profissional”.

Ao perguntarmos ao técnico quais as dificuldades encontradas para se trabalhar com deficientes físicos no esporte, verificamos que, apesar de alguns atletas já terem participado de Jogos Paraolímpicos, as dificuldades com relação aos investimentos ainda são grandes, evidenciando o quanto o profissionalismo ainda se encontra distante do futebol adaptado: “Acho que, pro futebol especificamente é o material, a bola com guizo, mas isso pode ser adaptado fácil, pra quem tiver iniciando, pode usar uma sacola em volta da bola que já produz o som, e isso facilita muito pra eles, que é o que eles precisam pra jogar o futebol, que é que a bola faça barulho, e algumas adaptações de quadra também são necessárias para a segurança deles”.

Políticas públicas

Neste tópico, abordamos a questão do fomento governamental ou privado às instituições que estão envolvidas com o esporte para o público deficiente. Especificamente para o futebol, os atletas relatam

que existe ajuda de custo do governo para os atletas e técnicos; no entanto, essa não é sua principal fonte de renda. Ambos os atletas entrevistados já receberam ou recebem a “bolsa-atleta” do governo, mas o atleta A complementa: “[...] sou fisioterapeuta, então eu trabalho no período da manhã de segunda a sexta, e a tarde [...]”.

O técnico afigura-se em condição semelhante: “[...] teve um ano que o comitê paraolímpico deu pros treinadores daqui, que estavam na série A, uma bolsa [...]. Mas só durante um ano. O resto todo do período foi voluntário [...]”. De igual forma, sobre a necessidade de um emprego por fora dos gramados, assevera: “Eu sou professor do Instituto Benjamin Constant, então... Eu fiz concurso, passei pra lá. Trabalho com cegos também [...]”.

A partir de 2006, através da Lei de Incentivo ao Esporte, o governo passou a estimular o desenvolvimento de projetos, patrocínios e doações, por parte de empresas particulares, à promoção ou fomento de atividades esportivas, incluindo aquelas voltadas para deficientes, sendo beneficiada a empresa subsidiária, com deduções no imposto de renda (BRASIL, 2006). No entanto, com relação ao apoio financeiro para inscrições e viagens para competições, o técnico revela: “Não. Nenhum tipo de apoio, nenhuma coisa. A gente que é da URECE, na verdade, a gente tem um projeto em que pessoas físicas fazem doações pra gente, e só... A Pênalti (sic) doou pra gente material esportivo, mas de dinheiro que entra pra instituição não. Esse ano a gente não teve nada”.

IMPRESSÕES FINAIS

Por meio das realidades observadas e das respostas dos participantes do estudo, foi possível destacar, com relação à importância social, política e midiática do futebol de cinco:

- a) A melhora na qualidade de vida dos deficientes visuais obtida através do futebol de cinco, como a independência, a autonomia, além de maior agilidade e a consequente melhora na locomoção, influenciam diretamente no apoio familiar à prática esportiva, de forma que os atletas só recebem apoio dos seus entes queridos caso a atividade esteja proporcionando àqueles algum benefício perceptível. Podemos inferir que há uma

superproteção da família para com o atleta deficiente, assemelhando-se à direcionada pelos pais às crianças.

- b) A ínfima cobertura da mídia ao esporte adaptado, restringindo-se aos megaeventos esportivos, como a Paraolimpíadas. Ainda assim, esta não é transmitida nem divulgada pelos canais abertos. Essa assertiva está imbricada à visão da sociedade para os esportes adaptados, que não consegue relacioná-los ao profissionalismo e ao esporte-espetáculo.
- c) O exíguo apoio financeiro ao futebol de cinco, obrigando técnicos e atletas a buscarem outras fontes de renda. Esse fato não ocorre no futebol convencional, em que salários altíssimos são pagos tanto para os jogadores quanto para treinadores. Uma das poucas ajudas citadas pelos entrevistados são a bolsa-atleta e a bolsa para treinadores; mesmo assim, estas são oferecidas por pouco tempo. Com relação às competições, não há provimentos advindos do governo ou das federações. Os únicos existentes são as doações de pessoas físicas. Assim, o futebol de cinco, financeiramente, é restrito somente às ajudas que recebe, não sendo encarado com o mesmo profissionalismo do futebol convencional.
- d) Como consequência dessa menor verba direcionada ao esporte adaptado, a maior dificuldade relatada para se trabalhar com o futebol de cinco hoje é a carência de materiais esportivos de qualidade.

Nesse sentido, fica claro que a importância dada aos esportes adaptados - mais especificamente, o abordado em nosso estudo - está longe de se igualar à das modalidades convencionais. Há grande carência de divulgação e ajuda financeira às instituições que promovem a inclusão do deficiente no esporte, e parte disso se reflete na falta de conhecimento, muitas vezes dos familiares, sobre os benefícios à saúde que a atividade física proporciona a essas pessoas, o que de certo modo diminui a procura pelo esporte por parte dos deficientes.

Num cenário em que o esporte brasileiro vem ganhando destaque através das importantes competições internacionais que o país sediou, como os Jogos Pan-americanos de 2007, e que ainda vai

sediar, como a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, a adoção de uma estratégia de marketing com vistas à divulgação do esporte adaptado durante os próximos megaeventos seria uma chance ímpar de depreender uma tentativa de quebra de preconceitos e estigmas ainda existentes para com as pessoas com deficiências, mudando a imagem de indivíduos incapacitados para a de atletas exemplos de superação.

Como sugestão para os futuros empreendimentos sobre esse tema, avistamos nas questões motivacionais, políticas e sociais uma maior eminência, as quais deverão ser desenvolvidas com maior aprofundamento, com vistas a dar contributos à temática dos esportes adaptados. Recomendamos um debruçar extensivo sobre esses e outros vieses, para que se subsidiem novas políticas públicas de inclusão e integração da pessoa com deficiência no esporte.

ABSTRACT

FIVE AGAINST ELEVEN: A STUDY ABOUT THE IMPORTANCE OF ADAPTED SOCCER

This study aimed to identify the opinion of the athletes and coaches of blind soccer about the importance of this sport. For this, we employed a semi-structured interview with two athletes and a coach of blind soccer. As a technique, we used the speech analysis. It was concluded that there is a positive family influence to the continuity of the person with disability in sports; it is low the appreciation of the adapted sports by the press and government; and it is difficult for society to see disabled athletes as professionals in the sport.

Keywords: soccer, visual impairment, speech analysis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Esporte. Lei Nº11.438, de 29 de dezembro de 2006. Dispõe sobre a Lei de Incentivo ao Esporte. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Ano CXLIII, nº 249-A, 29 dez. 2006.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

DAOLIO, J. **Cultura Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FARIA JR., A.G. Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: FARIA JR.; FARINATTI (Org.). **Pesquisa e produção do conhecimento em educação física**: livro do ano de 1991/ SBDEF. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.

FERNANDES, V.L.F.P. Educação Física (Adaptada) e Políticas Educacionais de inclusão: contexto. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 15, n. 149, outubro 2010.

LIMA, L.A. Capoeira angola: lição de vida na civilização brasileira. In: BICUDO, M.A.; ESPOSITO, V.H. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Ed. Unimep, 1994. p.61-66.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: DA COSTA, L.P.; TURINI, M. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. v.1.

MORATO, M.P.; GOMES, M.S.P.; SCAGLIA, A.J.; ALMEIDA, J.J.G. A mediação cultural no futebol para cegos. **Movimento**, v.17, n.4, p.45-63, out./dez. 2011.

PEREIRA, E.G.B.; GIOIA, F.M.; FERREIRA, P. O voleibol sentado: um reflexão bibliográfica e histórica. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 13, p. 1-15, 2008.

RAMOS, J.J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. Edição orientada pelos professores M. José Gomes Tubino e Cláudio de Macedo Reis. São Paulo: IBRASA, 1982.

SEÇÃO DE DESPORTOS COLETIVOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. **Volibol**. 1. ed. Brasília: EGGFC, 1972.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA (SOBAMA). Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inicio.htm>>. Acesso em: 09 Ago. 2013.

TONELLO, M.G.M. Inclusão nas aulas de Educação Física: aspectos conceituais e práticos. In: SCARPATO, Marta (Org.). **Educação Física**: como planejar as aulas na educação básica. São Paulo: Avercamp, 2007.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

URECE, ESPORTE E CULTURA. Disponível em: <<http://urece.org.br/site/>>. Acesso em: 9 ago. 2013.

Endereço para correspondência:

Av. Carlos Chagas Filho- 540
Cidade Universitário
CEP 20241-150 Rio de Janeiro RJ
E-mail: egiuseppe@eefd.ufrj.br